

ENTRE O RIO E A MATA

História oral e Espaço Vivido em Comunidades Ribeirinhas

Marcela Arantes Ribeiro

Mestranda em Geografia

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

mar_arantes@hotmail.com

Introdução

Este texto faz uma abordagem da cultura ribeirinha, tendo as narrativas ribeirinhas como parte de suas representações sociais e culturais. Aplicando a *História Oral* juntamente com o *Espaço Vivido* foi possível identificar e interpretar a cultura de um grupo social compreendendo o modo de vida e as representações sociais e culturais existentes e predominantes nas relações entre o ribeirinho e o lugar onde vive. Para isto refletiu sobre a dimensão humana nas relações temporais e espaciais quais são repletas de símbolos, valores, signos, sentimentos e ações humanas no cotidiano ribeirinho formando um espaço composto por representação tanto material quanto imaterial.

Neste texto desenvolve-se a representação na perspectiva do imaterial, por compreender que esta apresenta dimensões sociais e culturais, as quais proporcionam a organização do grupo, sendo manifestada no campo da cultural envolvendo valores e simbolismos.

Compreende-se ainda que “qualquer tipo de espaço geográfico é embutido em representações e interpretações” (SAHR, 2006:57). Assim, o que se vive e relaciona-se em um espaço são as representações culturais intrínsecas socialmente em cada indivíduo. Por mais coletiva que seja as representações as experiências vividas são individuais, composta das particularidades, de interpretações das situações cotidianas. No dia a dia o indivíduo constrói e reconstrói, interpreta e reinterpreta as representações culturais organizando seu espaço conforme o tempo presente e a realidade construída.

Demonstra então que estudar, analisar e refletir sobre o homem, suas ações, crenças, moral, legislação, tradição, e principalmente todos os seus hábitos, significa caminhar interdisciplinarmente no campo científico da Antropologia, considerando os significados atribuídos a estas características, pois, as formas simbólicas são expressões

dos sujeitos para si e para outros, nesta perspectiva defendia-se e ainda defende a etnografia (GEERTZ, 2001) como caminho para desenvolvimento de uma pesquisa.

Entrelaçando a Antropologia, com a História Cultural e com a Geografia Cultural tem-se um rico estudo interdisciplinar, uma vez que a Geografia Cultural propõe ver o outro no mundo considerando a pluralidade de suas expressões e a análise sobre as representações dos papéis sociais (CLAVAL, 2001), que os homens exercem no meio onde vivem. Em estudos recentes estas representações podem ser analisadas subjetivamente ao considerar os estudos culturais como envolvimento afetivo entre a pessoa, o lugar e o meio físico, ou seja, o vivido (TUAN, 1980).

As ciências apresentadas têm como fundamento o conceito de cultura, percebendo esta como,

A soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. (CLAVAL, 2001:63)

Desenvolver a idéia de cultura, como resultado de saberes, técnicas, conhecimentos e principalmente valores de um indivíduo é afirmar a particularidade deste, uma vez que a absorção destas representações é subjetiva e pessoal. O indivíduo por mais que faça parte de um grupo, ou um conjunto de grupos receberá e desenvolverá o seu ser no meio em que vive a maneira que acredita e compreende as coisas a sua volta. A relação será cheia de especificidades e diferenças.

Os hábitos são construídos socialmente e historicamente em cada comunidade, bem como a relação do homem com o seu espaço. O homem tende a se identificar conforme o que lhe foi transmitido e armazenado na memória, considerando Halwachs (1990) esta é sempre revivida no presente, pois só existe enquanto vivência, por isto as experiências vivenciadas individualmente tornarão o indivíduo único dentro de uma coletividade.

Desta forma, um estudo sobre uma cultura deve estar fundamentado na idéia da diferença, com uma abordagem que consiste nas múltiplas possibilidades de explicar os acontecimentos no mundo, moldando e determinando a maneira de viver de cada ser

humano, o qual está inserido em um meio social compartilhando e adquirindo experiências. Para tanto compreende este tipo de estudo como,

O estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las. (GEERTZ, 1989:29)

Para Geertz, a cultura deve ser interpretada, uma vez que, as experiências individuais e coletivas são vividas diante das muitas maneiras gerando um processo cultural diversificado em cada grupo. Essas experiências caracterizam o espaço e o tempo cultural das localidades ribeirinhas fazendo parte da história de vida dos moradores, sendo assim, uma reflexão referente a uma determina cultura considera-se o tempo e o espaço vivenciado pelo homem, uma vez que a cultura se manifesta de muitas maneiras na vida das pessoas, sendo adquirida e materializada pelas representações sociais e culturais que são ritualizadas nos grupos sociais.

Desta forma desenvolve uma discussão envolvendo o conceito e a compreensão de representação, em seguida abre uma discussão sobre a cultura ribeirinha, enfatiza que cada indivíduo diferencia-se do outro pela cultura e vivência no grupo social no qual está inserido, influenciando nas relações sociais e na organização social.

Objetivos

Na pesquisa apresentada considerou-se de dois pressupostos: o primeiro é que existem diferentes maneiras do homem de interagir no mundo identificando e explicando as relações e os acontecimentos do dia a dia, e o segundo é de que em todas as comunidades existem crenças que explicam e moldam a vida das pessoas, são essas crenças que caracterizam e formam a essência da cultura de um povo e de uma comunidade.

Desta forma, objetivou-se a pesquisa para compreender como o ribeirinho percebe o *lugar* em que vive. Procurou também identificar em que momento os seres encantados (Loureiro, 1995) da mata e do rio fazem parte deste *lugar*. Por fim,

demonstrar uma relação do homem com a natureza a partir da Cobra-Grande, do Boto, do Matinta-Perera e do Curupira percebendo como esses encantados são representados nas histórias de vida dos narradores.

Compreendendo Representação

Compreender o ser individualmente em sua essência tornou-se uma questão teórica e epistemológica em todas as áreas da ciência, busca-se compreender como o próprio ser se identifica, se classifica e se interage socialmente no espaço em que vive com os outros seres. Esta compreensão está fundamentada, principalmente, na necessidade de pensar o espaço em que vive. Esse ato de pensar leva-o a criar as representações que fundamentam a organização social de um determinado grupo de pessoas ou mesmo de uma sociedade podendo permanecer por séculos na história da humanidade. Essa organização está envolvida de valores afetivos que o ser humano confere ao espaço em que vive, bem como, a percepção que o indivíduo tem deste.

O homem tem a necessidade de relacionar-se com outro e com um grupo o qual está inserido. O resultado da relação e interação entre pessoas que apresentem semelhanças em suas crenças formará e sustentará um determinado grupo social, o qual “consiste na soma total e organização de idéias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que seus membros adquirem pela instrução ou pela imitação de que todos, em maior ou menor grau, participam” (MELLO, 2000:41).

Portanto, a junção, repetição e participação de fatores comuns entre os indivíduos proporcionarão a união dos mesmos, formando um grupo social e o contato dos múltiplos grupos resultará em uma sociedade, podendo ser qualificada como complexa, uma vez que corresponde a diversidade de cada grupo e conseqüentemente dos seus membros.

Cada grupo social ou grupo étnico – aquele que apresenta uma unidade portadora de uma determinada cultura - tem uma identificação que, refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos, linguagem e crenças comum para se identificar e relacionar-se no grupo, formando um espaço cultural e social.

A geografia cultural possibilitou um estudo das representações sociais refletidas e materializadas no espaço e este sendo híbrido e heterogêneo onde desenvolve as representações, logo estas serão diferenciadas por corresponder a cada grupo que a manifesta e a desenvolve, considera-se ainda que cada sujeito carrega a particularidade de sua interpretação do mundo onde vive. Sendo assim, utiliza-se o conceito de representação desenvolvido por Gil Filho (2008:24), como sendo,

uma forma de conhecimento. Mesmo que tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito e objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação.

Compreendendo a representação como forma de conhecimento torna-se muito específica e individual uma vez que cada pessoa adquire o conhecimento conforme sua vivência e interpretação. Representações semelhantes são fatores de união entre sujeito e até mesmo grupos sociais. Observa ainda, as mudanças e surgimento de novas representações, uma vez que o tempo e espaço vivido pelo homem esta em constantes transformações.

Percebe-se ainda que na relação do sujeito com o objeto existe a similaridade favorecendo a consolidação das representações. O sujeito atribui ao objeto valores afetivos justificando sua existência, assim observa-se que o homem durante o “seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento, atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais.” (IDEM, 2007:208)

Para ocorrer essa adaptação o homem pensa e age sobre a terra, para tanto cria e aplica sentido para tudo que esta a sua volta, seja no material seja no imaterial. A criatividade humana faz e justifica a existência das coisas materiais, dos simbólico e subjetivo, ou seja, o sujeito atribui sentido ao seu mundo por meio das representações.

Sendo assim, as representações podem ser analisadas considerando as múltiplas formas de ações, uma vez que, as representações podem ser observadas “tanto nas transformações das estruturas da personalidade quanto às das instituições e das regras que governam a produção das obras e a organização das práticas.” (CHARTIER, 1991:188). Diante desta afirmação identificam-se as representações na formação da

personalidade do sujeito, ou seja, na sua cultura, nas crenças, conhecimentos, ações e maneiras de pensar e agir diante das situações.

Percebe-se ainda que as representações sociais e culturais estão envolvida na organização das instituições que produzem e reproduzem as formas de vivencia, destaca-se a igreja e as instituições governamentais como um todo, que ao agirem sobre o sujeito transmitem e legitimam as representações de uma determinada sociedade.

Nos milhares de grupos sociais existentes pelo mundo, na Amazônia tem-se as comunidades ribeirinhas, as quais apresentam características culturais comum, contudo é nas pequenas diferenças e particularidades de cada comunidade que enobrece o estudo geográfico cultural. Diante desta afirmação faz uma abordagem teórica sob o mundo e o ser ribeirinho na Amazônia.

Uma leitura da Cultura Amazônica

O Espaço ribeirinho foi constituído na Amazônia a partir de correntes migratórias, ou momentos de migração, ocorridos em todo o período histórico da formação social desta região, contudo foram nas relações sociais que desenvolveram e caracterizaram o viver ribeirinho na Amazônia.

Há uma predominância migratória de nordestinos que se instalaram e espacializaram na beira dos rios. Esta espacialização foi e ainda é marcada pela relação do homem com o meio o qual vive no caso ribeirinho uma relação de dependência e sobrevivência com o rio e a mata. Desta relação identifica-se nas histórias de vida uma nova história, falas e muitas vezes narrativas completas de uma cultura local resultado da relação homem e meio formando uma “nova” identidade, a identidade ribeirinha.

Esta identidade é marcada historicamente pelo isolamento e pela floresta, antropologicamente pela predominância do índio sobre o negro e o branco e, geograficamente pela relação do homem com o meio. Grupos sociais que foram organizados e espalhados às margens dos rios. Os ribeirinhos inseridos neste mundo como pescadores e caçadores desenvolveram uma compreensão específica de ver e viver no planeta, na busca de explicar os fenômenos e as situações existentes em cada

sociedade, o ribeirinho apresenta uma cosmovisão (LOREIRO, 1995), uma visão imaginativa que se consolida das estruturas sociais de cada comunidade ribeirinha.

Assim, a mistura de culturas Amazônica torna-se oposta a algo conservador e estagnado, vai além do dinâmico chegando ao subjetivo, expresso nas relações e ações do ser humano com o outro e com o meio, sendo vista como expressão da sociedade formadora da atual Amazônia. “Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda.” (LOUREIRO, 1995:30). Uma vida interligada, dinamizada e interpretada com o rio e a mata.

A identidade ribeirinha, bem como toda e qualquer identidade, é marcada pelo auto-reconhecimento, o ser atribui valor as ações e crenças do seu dia a dia, identificando-se enquanto parte de uma sociedade. Uma das marcas registradas desta identidade é um mundo mitológico que envolve o ribeirinho no meio amazônico, seres ligados ao rio e a mata que fizeram e em algumas comunidades ribeirinhas ainda fazem parte do cotidiano destes indivíduos.

Outro registro das comunidades ribeirinhas é a oralidade, onde cada narrador transmite suas experiências e particularidades ao grupo, inicialmente no grupo familiar e conseqüentemente alcançando a comunidade como um todo. Muitas das histórias contadas e recontadas por anos ganham características de narradores anônimos, no momento em que as narrativas ultrapassam gerações. Observa-se que,

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. (LARAIA, 2004:31)

Cada ser interpreta individualmente o mundo a sua volta, normalmente a interpretação esta ligada com o grupo social que o individuo cresceu. Assim, as experiências adquiridas e acumuladas por gerações anteriores contribuem para a formação da identidade de uma comunidade e conseqüentemente nos indivíduos inseridos nestas comunidades.

Os ribeirinhos apresentam um histórico de migrações, gerando uma complexa e específica formação cultural – identitária, contudo será na relação de interação com o ambiente amazônico que o ribeirinho, bem como o auto-reconhecimento como tal, consolidará seu conhecimento e suas experiências formando, re-formando e dinamizando por mais de um século o espaço amazônico com suas crenças, maneiras de viver e interagir diariamente.

A dependência e vivência que o ribeirinho tem com o rio e a floresta está além do puramente econômico ele transfigura este ambiente e absorve a transfiguração na sua vida. Os símbolos destas transfigurações que o ribeirinho atribui ao rio e a mata são suas mitologias, pode-se citar as narrativas envolvendo o boto e a cobra-grande, ambos ligados ao rio e comum a todas as comunidade ribeirinhas. Os símbolos ligados à mata são variantes e específicos de cada comunidade.

O pescador sonhador, perdido na solidão das águas tenta ultrapassar a familiaridade redundante do cotidiano, buscando explicações que ele desentranha da ambigüidade do mundo em torno, no qual o dia a dia adquire dimensão cósmica. (LOUREIRO, 1995:62)

A busca por explicações de acontecimentos, das vivências e das relações diárias do homem com o meio ambiente, leva o ribeirinho a desenvolver um pensamento subjetivo/mítico que, incorporado à sociedade ganha significado e valor, tornando-se parte da cultura e do mundo ribeirinho. O mito, resultado da dimensão cósmica do viver e ser ribeirinho torna-se parte do social comandando simbolicamente as construções sociais do lugar.

Assim o ribeirinho interage com o meio ambiente economicamente e culturalmente, a floresta e o rio tornam-se elementos materializados constituinte da essência da identidade ribeirinha. A transmissão de geração para geração das crenças e maneiras de viver ribeirinho representam e caracterizam o eu ribeirinho na Amazônia.

Entre História Oral e Espaço Vivido

Desenvolver uma pesquisa com comunidades tradicionais significa, primeiramente, envolver-se e relacionar-se com o *outro* na busca de compreender a organização do tempo e espaço, no caso da pesquisa em questão o espaço e o tempo ribeirinho. Para tanto, enfocou-se os elementos constituintes deste espaço com base na memória narrativa dos colaboradores. A partir da fala de moradores das comunidades e fundamentando nas propostas teórico-metodológicas de Armand Frémont (1980) e José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) desenvolveu-se o trabalho de campo desta pesquisa.

Esse trabalho consiste das interpretações das entrevistas obtidas durante o trabalho de campo, quanto ao processo de entrevistar foi pautado na proposta metodológica de Meihy (2005) desde o momento para o contado entre o pesquisador e o colaborador, de como agir diante do trabalho de campo e de como compreender a relação do pesquisador / colaborador, pois,

A História Oral responde a necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram os dilemas e as benesses da vida no presente. (MEIRY, 2005:24)

Assim, a História Oral proporciona a liberdade de compreender uma cultura por meio das ações de um determinado grupo social enfocando a permanência ou mudanças de compreensão e vivência no mundo entre os colaboradores com seu lugar e desdobrando-se no seu espaço. Neste sentido Frémont (1980:92), afirma que o pesquisador deve

Estabelecer claramente o seu objeto no espaço vivido, fenômeno que, para ser corretamente captado não admite redução alguma. Implica a análise no estudo de cada relação do homem com o espaço. Exige a síntese na apreciação de todas as relações e das suas inter-relações. (FRÉMONT, 1980:92)

Desta forma o primeiro momento é estabelecer o que será abordado na pesquisa, para tanto deve-se observar as relações espaciais com uma macro-visão sem redução, fazer uma interpretação que busca compreender além do que foi falado, fazendo uma leitura da relação do narrado com o espaço vivido.

Ainda com Frémont tem-se a aplicação dos meios de investigação para uma pesquisa correspondendo à palavra e o olho,

A palavra e o olho constituem os primeiros meios do conhecimento. Esta investigação, 'em directo' sobre a vida tem sido por vezes esquecida em proveito de instrumentos mais sofisticados, que implicam mais a freqüentação do escritório ou do laboratório do que a das pistas, das ruelas ou dos caminhos. Contudo o gosto da relação direta permanece vivaz na maior parte dos geógrafos. (IDEM, 93/94)

Neste primeiro momento corresponde a observação do outro, uma vez, que na pesquisa geográfica com um grupo ou sociedade ocorre à relação direta do pesquisador com o narrador, logo o pesquisador sente e mantém o calor dessa relação, o que favorece a percepção de como o *outro* vê e se identifica no espaço vivido.

Essa observação e percepção proporcionam a parte descritiva, o início do processo de investigação da vida de uma comunidade, identificando as relações que envolvem a vivência do narrador, essa percepção do mundo em que vive deve ser entrelaçada com a sua entrevista, ou seja, a fala.

Com a realização das entrevistas tem-se as narrativas, que serão os documentos a serem interpretados. Nestas entrevistas aplica-se a terceira etapa da História Oral, o pesquisador realiza a transcrição, mantendo as palavras exatamente como foram ditas, com erros semânticos, gírias e expressões. Tenta ainda, descrever os sons envolvidos no momento da entrevista. Sem seguida a textualização, elimina-se as perguntas, erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. Por fim a transcrição, o resultado final de todo o processo de confecção do documento escrito.

Em História Oral compreende-se que o documento é o resultado da mudança da fase oral para escrita assim,

A História Oral tanto pode derivar de uma formulação oral como de uma escrita, mas, passando inevitavelmente por uma fase oral, ela acaba por se materializar em um documento escrito. (MEIHY, 2005:30)

Essa materialização significa a objetividade da fala. É fundamental a compreensão da formação deste documento, pois, este será a fonte de interpretação da

pesquisa. Este documento é reconhecido e aceito pelo narrador no momento em que o pesquisador faz quantas conferencias forem necessário para obter a afirmação do narrador, só então considera-se a narrativa como documento para ser desenvolvido no trabalho.

Apresentando as localidades ribeirinhas como sendo as colônias de estudo realizou-se a pesquisas com o povoado da Cachoeira do Teotônio, localidade de São Sebastião e Vila de Calama. Destaca-se ainda a utilização do diário de campo durante a pesquisa, o qual é fundamental para o momento em que esta escrevendo e interpretando as narrativas obtidas durante a pesquisa e pergunta de corte onde questionava se o colaborador (a) já havia escutado alguma histórias de pescador.

Análise de alguns dados

“Minha mãe que contava pra a gente cada história e eu fiquei com isso na minha cabeça (...) COBRA fêmea era mal sabe e o outro o homem era que acalmava ela, ele era uma boa COBRA, o macho não fazia mal para ninguém ela alagava canoa alagava barco sabe ela era mal que só...” (fragmentos da entrevista com *Donatela, comunidade de São Sebastião*). Na fala da Senhora Donatela há a presença da mãe na transmissão de uma das características da cultura ribeirinha, percebemos logo no inicio da fala da narradora que foi sua mãe que contou a história da Cobra-Grande, o que favorece a confiança e segurança da narradora para com a história da Cobra-Grande, é um modo de pensar específico do ribeirinho que permeará o imaginário de sua cultural. Logo, a importância e participação das gerações no processo cultural de uma comunidade.

Sabendo da existência da Cobra-Grande pode-se então explicar o porquê das canoas viradas repentinamente, afinal, o rio esta calmo e a canoa vira muitas vezes levando a morte aqueles que nela estão. Percebemos ainda o duelo entre o bem e o mal, no momento em que são duas cobras uma boa e uma má, assim se irritar a cobra fêmea teria conseqüências, quando a representação do macho seria um ser encantado do rio apaziguador.

Para o ribeirinho a Cobra-Grande é um ser encantado do rio, sua existência está diretamente ligada ao rio Madeira, logo, o lugar representativo da Cobra, onde deve-se vivenciar com cuidados, considerando o período do ano, o lugar onde o animal habita e os horários e posições para navegar pelo rio. Desta forma, a Cobra-Grande esta presente na organização da vida ribeirinha.

Além da Cobra-Grande há outra história muito comum nas comunidades ribeirinhas, o Boto Cor-de-rosa, destaca-se parte de uma entrevista: *“quem tava em cima daquele flutuante caia na água e quem tava subindo voltava e quando batia na água saia tum tum tum para o meio do rio, era tudo BOTO puro que se transformou em gente... aquilo e eu não sei o que foi... fiquei besta de ver aquilo (...) porque eu nunca vi um boto virar gente e naquele dia eu vi aquela arrumação...”*(fragmento da entrevista com João Torres, comunidade de Calama)

O lugar do Boto encantado é o rio, assim como a Cobra, contudo este ser tem a capacidade de ser transformar em homem e interagir com o ribeirinho. Hoje existem diversificadas narrativas que envolvem o Boto, em algumas ele aparece como curandeiro, outras como espírito da mata, e a mais famosa como sedutor de mulheres, homem belo e encantador, atualmente as narrativas envolvem situações como essa narrada por João Torres, apenas um animal se transformando em pessoa, não há mais profundidade nas narrativas e envolvimento direto com o animal/homem, mas esse ser encantado faz parte do espaço ribeirinho.

Esses seres estão presentes no rio e na mata, dentre o existentes na mata os mais comuns são o Curupira e o Matinta-Perera, ambos estão ligados a proteção e respeito para com a mata. Quanto ao Matinta uma moradora de Teotônio diz: *“aquele bicho que chama MATINTA que... meu Deus do céu... tinha um que o pessoal dizia que quando tava na beira da praia que escutava ele assubiar podia puxar sua rede e ir embora porque ia apanhar se ele encontrasse... (...)Deu aquele vento... quando ele foi puxar a linha já era tarde de mais... PEGOU UMA PEIA QUE FICOU DOENTE... ele não fez nada... só via o vento... só o vento...”* (fragmento da entrevista com Maria Raimunda, comunidade de Teotônio). Aparentemente o Matinta é aparece como um ser cruel, por “bater” naqueles que insistem em pescar ou caçar não respeitando o período para essas atividades, percebemos que a pesca ou caça em

períodos de reprodução é permitida somente para consumo e aqueles que não respeitam são levados pelo Curupira ou apanham do Matinta. São mecanismos culturais de preservação, continuação e sobrevivência das comunidades.

Assim, as narrativas dos seres encantados (LOUREIRO, 1995) perduram na vida dos homens e mulheres ribeirinhos caracterizando a cultura desse grupo social, estão ligados a natureza por dependerem do rio e da mata para sua existência, contudo a maneira como desenvolverá a existência desses seres é particular por dependerem da experiência vivida de cada sujeito com esses seres. São seres que tem lugar na vida e no espaço ribeirinho.

Considerações Finais

O ser humano é resultado de suas experiências de vida, um pouco de cada outro ser que participaram dessas experiências, um ser múltiplo, repleto de diversidade. Em meio às contradições há particularidade e individualidade, onde cada ser torna-se único. O ser como único formador de sua identidade, o *eu* sendo reconhecido pelo próprio ser, escolhendo e se identificando com uma etnia e sociedade o qual tornará integrante.

Diante desta perspectiva o eu ribeirinho, formador e componente de uma comunidade específica identifica-se como tal no seu dia a dia, ser ribeirinho significa ir além da concepção de morada na beira do rio, ser ribeirinho representa viver e reconhecer-se ribeirinho, uma vida marcada pela relação homem e meio ambiente, o pescador e o caçador, uma interação sócio-cultural refletida pela identidade ribeirinha.

Esta relação envolvente vem construindo, reconstruindo e dinamizando pouco mais de um século o viver ribeirinho a partir da identidade individual e social ribeirinha, a presença e o envolvimento de dependência socioeconômico e cultural com o rio e a mata registra o compreender ser ribeirinho correspondendo uma visão além da característica de morar a beira do rio ou igarapé, seria insignificante minimizar a identidade ribeirinha só pela moradia e não representativo diante da pluralidade do viver Amazônico.

Portanto, há uma inviabilidade de fazer generalizações, tanto para as muitas comunidades ribeirinhas como para os seres humanos, por mais semelhante que seja ele é único dentre muitos, esta situação movimenta espacialmente e cronologicamente o homem e no mundo. Evidenciando estas diferenças deixa-se em aberto uma nova reflexão para a diversidade sócio-étnica-cultural dos seres humanos.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Teoria, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. 2ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- BARBOSA, Fábíola Holanda. **Experiência e Memória: A palavra contada e a palavra cantada de um nordestino da Amazônia**. Tese de doutorado: USP, São Paulo, 2006.
- BURKE, Peter (Org), *A Escrita da História: novas perspectivas*, Tradução: Magda Lopes, Unesp -- 1992, SP
- _____. **A Escola dos Annales: 1929 – 1989**. A Revolução Francesa da Historiografia. Tradução de Odalia. 4ª Edição. São Paulo, UNESP, 1997.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Revista das Revistas: Estudos Avançados, Vol. 11 – nº 5, ano 1991. Disponível em www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf. Acesso em 17 de maio de 2009.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. 3ª Edição. Florianópolis, Editora da UFSC, 2007.
- CRIPPA, Adolfo. **Mito e Cultura**. São Paulo, Convívio, 1975.
- FRAXE, Terezinha J. P. **Cultura Cabocla – Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo, Annablume, 2004.
- FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Trad. Antônio Gonaçves. Reivão & Antônio G. Mendes. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo, Copright, 1989.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Geografia Cultural: Estrutura e Primado das representações*. In: **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ Nº 19-20. P. 51-59, JAN/DEZ DE 2005.
- _____. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba, IBPEX, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 17ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Edição. São Paulo, Loyola, 2005.
- MELLO, Anísio. **Estórias e Lendas da Amazônia**. São Paulo, Literart, 1960.
- SUZUKI, Júlio César. **O Espaço na Narrativa: uma leitura do conto “preciosidade”** In: Revista do Departamento de Geografia. nº 19. Pág. 54-67. São Paulo,

July/Dec. 2006, versão em espanhol. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br, acesso em 20/09/2009.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira, 2ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro, Difel, , 1980.

_____. **Lugar e Espaço**. São Paulo, Difel, 1983.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica. Estudos do homem nos trópicos**. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3ª Edição. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1988.